



CORNUCÓPIA

ANA VALÉRIA FINK

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

TAINHAS

Tendo minha alma escolhido Bombinhas (SC) para viver, tratei logo de dar um jeito de trazer a embalagem. Moro já na península encantada e encantadora há 12 anos, e pela décima segunda vez assisto ao espetáculo da temporada das tainhas. Não digo o espetáculo da pesca, somente, mas da temporada, porque o evento todo, ao mesmo tempo que objetiva a subsistência, promove o estreitamento das relações da comunidade. Findo o ganha-pão do verão, portanto, em plena época de vacas magras, é chegada a época de tainhas gordas.

Durante mais ou menos 3 meses os homens se agrupam nos galpões de pesca, fazendo a vigília. Cada galpão tem seu barco, uma grande canoa de um pau só (o Garapuvu), e por perto dele uma espécie de guarita, toscamente erguida com troncos, em que se revezam os vigias na tarefa de avistar no mar os cardumes de tainhas. Enquanto esperam o sinal, os pescadores passam o tempo jogando cartas, dominó, papo fora, regados a consertada (bebida típica local feita de cachaça e café). E aí rolam altas histórias (e estórias) de pescador, sobre os feitos dos antepassados, lendários tainheiros.

Quando o pano colorido é agitado no alto de uma vigia, começa o burburinho. Todos se colocam na praia, mãos fazendo aba sobre os olhos, pra melhor avaliar o cardume. Eles conseguem enxergar os peixes sob a água pelo movimento na superfície (já tentaram me mostrar no mínimo 12 vezes, mas eu, míope que sou, apesar das lentes, confesso que não vi nada!). Discutem a rota que os peixes vão tomando e arquitetando a estratégia do cerco.

E a canoa vai para a água, uma ponta da rede ficando na praia, os homens segurando-a. Partem remando rapidamente e cercam o cardume, dando a volta por trás dele, e voltam para a praia, onde já está um outro grupo esperando a outra ponta. E a rede vai sendo puxada por toda a gente, os pescadores e os homens e mulheres que vão chegando. A notícia de que tem tainha corre rapidinho. Às vezes dá, às vezes não. Já vi lanço (esse o nome de cada puxada de rede) com 15, com 300 tainhas. Já vi lanço que só veio uma tartaruga (devolvida ao mar, obviamente)... Já vi lanço que só trouxe alga (algo decepcionante pra eles, diga-se). E já vi rede com 13 toneladas de peixe, gente! Pode acreditar, não minto, não (já tenho um nariz bem grandinho para estar me arriscando a vê-lo crescer mais)! Na praia, uma montanha de tainhas, do tamanho de uma casa!

Mas o que me encanta mesmo é a alegria dos nativos de Bombinhas quando dá tainha! Pense num bando de crianças barulhentas e traquinas, mas com uma diferença dos meninos em algazarra: os daqui, os de quem falo, têm barba e bigode na cara! É comovente a felicidade pueril dos homens feitos de mar na lida para perpetuar sua tradição!

Depois que as tainhas já estão na areia, começa a partilha. A maior parte, como é justo, para o dono da rede e seus remadores, mas também recebe seu naco quem ajudou a puxar a rede. Quem só assistiu pode comprar, ou ter a sorte de ver um conhecido passar carregado de peixes e ser agraciado com umazinha.

E então tem início o festival de cheiros e sabores, para delírio dos turistas afortunados que visitam Bombinhas no outono e inverno. Não há o que se compare a uma tainha fresquinha, das gradas, feita na grelha e recheada com ovas! Um legítimo “manjar dos deuses” (ou de Netuno, como queiram...)!

Ó, *ólhi, ólhi, ólhi!* Tem gente gritando na praia! Tá dando tainha! Com licença, vou logo para lá, garantir a minha...

O SOM DA LIMPEZA

Muito já se escreveu sobre a importância da faxina no psicológico do ser humano: de como a limpeza do ambiente tem o poder de deixar limpa a mente, de como um recinto asseado determina a purificação do humor, de como a sujeira acumulada gera energia negativa (*vide Feng Shui*) etc. Pois então que não vou, de maneira nenhuma, importunar ninguém com o “repeteco” do tema, que não sou nenhum papagaio-de-pirata! Mas queria, sim, falar sobre a faxina, só que sobre como a tri-lha sonora pode influenciar o rendimento dela! Já pensaram nisso? Comecei a pensar quando um filho meu, contando-me suas recordações da infância, afirmou uma das boas ser eu, sua mãe, limpando a casa vigorosamente, cantando MPB a plenos pulmões... Sorte dele que sou afinada!

Bem, com essa onda doida de *Facebook* (pra alguns viciante, cuidado!), ficamos sabendo de pormenores (e intimidades, cuidado dobrado!) curiosos dos hábitos alheios. E especialmente quem é solitário acaba com a mania de deixar o computador ligado mesmo que não esteja diante dele. E a cada “plululu” (perdoem, tentei aqui uma onomatopeia, bem malsucedida,

bem sei...), corre-se pra frente da tela, na esperança de estar sendo acessado. E, numa dessas, estando eu em pleno sábado ensolarado a faxinar minha casinha (à época ainda abaixo do Trópico de Capricórnio, lá pelas belezuras do costão de Bombas), ao som de “*Don’t Worry*”, Bob Marley – escolhida a dedo, confesso, pra tentar apaziguar a “revolta” que dá limpar sozinha o que mais gente sujou, e, pior, de estar perdendo a praia! – eis que ouço o barulhinho característico (não, não, sosseguem... não vou repetir a bestagem). Largo pano, balde, rodo, e vou pro *notebook*. Pois não é que era minha amiga Bianca, lá de Cananeia? Seu comentário: “Faxina ao som de Elis é tudo de bom.”! Sorrio pro rodo, e o retomo... E continuo na lida, sempre no ritmo, agora que já estava lavando a varanda com mangueira, “embalada”. Então imagino a Bi, com o apelo de Elis, quão dramaticamente deveria estar a esfregar o vaso sanitário...

Mais uma etapa cumprida, já me dirigindo à cozinha, de que ainda me faltava limpar a janela, escuto novo chamado: dessa vez Camilo, meu irmão solteiro (condição essa, talvez a única, que propicia a um indivíduo do sexo masculino a provação/purgação da faxina), postando que limpa naquele momento sua casa ouvindo Guns N’ Roses! Que energia botava na vassoura, dá pra imaginar? Mantivemos a comunicação por um tempo, meu irmão e eu. A faxina dele estava terminada antes da minha. Até agora não sei se isso foi possível porque homens geralmente não têm a paranoia de procurar as sujeiras dos cantinhos, ou porque o rock acelerou o trabalho dele. Na próxima, quero experimentar: vou de Queen, ou, quem sabe, Deep Purple?

ÁGUAS E TAMPAS

“A água da pia/ em círculo,/ vai pelo ralo./ E eu não tenho a tampa...” Esses, meus primeiros versos, aos 14 anos, bem lá atrás, depois de desafiada pelo professor de Português a tentar um poema. “[...] assim,/a vida,/ passando,/correndo,/voando,/ escoando depressa,/ sem que nada a detenha./ A vida,/ líquida,/ escoando pelo ralo./ E eu não tenho a tampa...” Esses versos me renderam premiação no Concurso de Poesias do Colégio onde estudava! E esses versos me renderam admoestações, por parte de minha mãe, que, apesar de ser amante das artes (era cantora lírica!), apavorou-se com a “poetagem” da filha: “Não vá você agora me virar poeta, e esquecer da vida!”. Pois não é que me meti a ser poeta, sim – por conta da desobediência voluntária, tão própria da idade, será? Não sei, não, mais provável tenha sido a “contaminação” do professor... – e, por isso mesmo, mergulhei fundo na vida. Poeta, de quando em sempre, quase não dorme, gente! Fica pensando, refletindo, meditando, cismando, cogitando, supondo, tudo, tudo que possam imaginar; quanto à racionalidade, poeta tem a sua, toda própria, nem sempre em concordância com modelos. Daí, decerto, o receio materno.

leriafink@yahoo.com.br
facebook.com/Ana Valéria Fink

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em maio de 2021.
